

Charles Plisnier Passaportes falsos

Traduzido do original francês (Bélgica) por
António Passos



523
CHARLES PLISNIER

PASSAPORTES FALSOS

TRADUÇÃO DO ORIGINAL
POR
ANTÓNIO PASSOS

SERVIÇOS DE CENSURA À IMPRENSA
PROIBIDO
Em 15/4/1938

EDITORIAL
PROGRESSO, L.^{DA}

MAURER

Dizia-me Pilar: «Para que você me odeie tanto é preciso que eu tenha muita semelhança consigo!» Era assim que ela me punia quando eu lhe censurava asperamente a sua fraqueza, a sua languidez e ter ficado agarrada às opiniões da sua classe social, que ela confessava repudiar. Hoje que sem dúvida ela não reaparecerá jamais na minha existência, procuro, para me libertar da sua pessoa, recompor essa incerta figura.

Visto que tudo em suma começa ali, uma imagem me acode sempre à memória. Num corredor de hotel bastante comprido, abre-se a porta de um quarto. «Ah, ainda bem que veio!», disse Pilar. Entro num pequeno salão em série. Uma gorra de mulher esconde o telefone. Em cima das cadeiras, estão algumas cartas abertas, um livro de Novalis, dois ou três exemplares de *A Humanidade*, uma *écharpe* de um azul carregado.

Revejo uma mala de couro ruivo, disforme, com os cantos de cobre. Numa grande etiqueta, leio:

MADEMOISELLE
PILAR GUILHEN Y ARIAGA

Pilar senta-se do lado deste letreiro. O meu rosto deixa, decerto, transparecer alguma ironia. Abaixa os olhos, nesta atitude de momentos, levanta-se, ri docemente.

— É uma falta de interesse pela vida — diz ela.



Era em Genebra, pelo Natal de 1919. Realizava-se ali um congresso dos estudantes socialistas. Encontrava-me lá, portanto, como delegado do meu país.

Muito acima de um proletariado ao qual eles tinham retomado as suas armas, os governos capitalistas procuravam liquidar a guerra. Mas os ódios durante muito tempo alimentados não caíam facilmente. Os pequenos burgueses acostumavam-se mal à ideia de que a partida estava ganha, que convinha ensaiar uma nova combinação e, vendo desfazer-se as divisas monetárias que valiam os seus títulos de renda, atribuíam à maldade do velho inimigo esta nova culpa. Os operários, adivinhandos que nada ainda estava resolvido, sentiam qualquer coisa faltar nas suas mãos, lamentavam as espingardas, mas, despojados, não sabiam a quem se dirigir. A guerra continuava noutro lugar, do lado do mar Branco, do Ural. Somente poucos homens sabiam o que pensar deste renovo de incêndio e a palavra soviète começava apenas, para alguns, a ser um sinal de libertação, de vitória.

Por causa mesmo desta incerteza, uma febre violenta apoderava-se de alguns que, neste marasmo, tudo queriam reconstruir e se convertiam em soldados duma salvação que ignoravam.

Nas universidades da Europa, os filhos dos aristocratas e burgueses, tocados por esta graça, juntavam-se para queimar os velhos ídolos. Havia os que saíam do matadouro e gritavam, convencidos pelo horror desta visão, que devia desaparecer um mundo que permitia tais crimes; aqueles que, lendo Marx, nele encontravam uma explicação completa das sociedades e da História, e embriagados de ver claro quando todos estavam envoltos em trevas a ele submetiam inteiramente o seu espírito; aqueles que, atónitos pela desordem, procuravam, por pouco que fosse necessário até nos inimigos da sua classe, uma autoridade, uma paz forte; todos aqueles que numa exaltação poética amavam com ternura, secretamente, estas perturbações onde se vivia duas vezes; aqueles que pediam uma nova fé mais terrena e tremiam de alto a baixo só de dizer: Moscovo, soviete, Internacional. Existiam também alguns filhos de operários que tendo conseguido, mercê da cultura, apagar as suas origens, regressavam deliberadamente ao ponto de partida.

Numa pequena sala, no alto do Plainpalais que os nossos camaradas de Genebra tinham obtido para as nossas sessões, nós éramos talvez vinte ou trinta rapazes vindos de todos os pontos da Europa. Revejo com

uma singular nitidez algumas destas figuras que de ali em diante apareceram por vezes, duma maneira brilhante em plena luta social ou mais frequentemente se inutilizaram e voltaram num rodeio insensível à classe donde por momentos tinham saído.

Onde estará esse enorme rapaz plácido, de palavras tão medidas, tão exactas, de olhos tão puros, escondendo sob um nome falso em *a*, breve e forte, um dos mais pesados nomes da aristocracia holandesa? E essa inglesa duma tão fina, tão estranha beleza, que nos acontecia, querendo ouvi-la, não a perceber? Mais ainda esse pastor valdense que apertava as suas grossas barrigas das pernas em meias de golfê e usava a barba toda negra e sedosa, e que se tornou um dos três ou quatro personagens a quem foi dado o volante da Internacional Comunista; essa pequena austríaca, gorda e feia que foi morta, no meio dos operários em Fevereiro de 1934, no Ring, em Viena; e destes dois irmãos jugoslavos, um morreu martirizado pela polícia na prisão de Glatnaia, o outro, tendo percorrido a Europa e o mundo, organizado centros de pensamento, formado cem mil soldados novos para a revolução, morreu de tuberculose, em qualquer parte da Ásia, onde a Internacional o enviou com Trotsky.

A atmosfera fortemente carregada que nos tinha envenenado, o sentimento de encontrar camaradas através do espaço, a embriaguez de representar um

papel histórico, o gosto das ideias gerais, o desejo duma certeza, tudo isso constringia cada um a tomar rapidamente posição em face dos problemas mais vastos. Assim, notava-se imediatamente que o que se travava, ali, era o combate entre o espírito reformista e o espírito de revolução.

Pedra de toque infalível. Apenas acabada de fundar, a Internacional dos Estudantes Socialistas e Comunistas teve de decidir da sua adesão a uma das duas grandes internacionais, em que se dividiam as forças do proletariado. Logo em seguida o debate tomou um acento violento e bastante patético. E o congresso dividiu-se em dois campos.

Alguns espíritos enternecidos e inquietos, desolados de ver inutilizar-se, no próprio dia em que ela nascia, esta união de intelectuais na qual eles tinham posto uma tão bela esperança, tentavam conciliar os novos inimigos, pediam tempo, procuravam uma via onde pudessem encontrar-se em conjunto. Mas como poderiam as suas palavras encontrar algum eco? Para uns o bolchevismo era a própria expressão da barbárie; ele usurpava o nome de socialismo para aniquilar uma Europa onde o socialismo começava a desenvolver-se. Para nós, aquela que chamávamos a Internacional amarela tinha entregado os operários à burguesia durante a guerra e tentava de novo entregá-los durante a paz. Voiévitch pronunciou um discurso, pleno de ódio e de relâmpagos e quebrou todos os fios que ainda

uniam esses jovens. Nessa mesma tarde o congresso cindiu-se em duas partes.

Todos os que tinham votado a adesão à Terceira Internacional reuniram-se no dia seguinte numa sala interior dum café, no extremo dum *faubourg* popular.

Foi então que apareceu Pilar.



Acabava de abrir-se a sessão quando ela empurrou a porta. Fechou-a docemente e ficou de pé, um pouco apoiada à umbreira. A luz que vinha das janelas pequenas parecia acumular-se sobre a sua figura.

Apesar do calor agressivo que enchia a sala, ela envolvia no seu corpo a aba do seu comprido *manteau*, duma cor de cinzento pálido, debruado de arminho. Não parecia ser bela: muito pequena, bastante franzina, com uma tez muito morena e dois olhos muito negros, enormes.

Deram-lhe a palavra. Foi em francês que ela falou. Afirmou que trazia ao congresso da nova Internacional dos Estudantes Comunistas a saudação dos seus camaradas espanhóis; que, chegada, se tinha recusado a ter tomado assento, um dia que fosse, com aqueles que representavam as forças perniciosas do movimento socialista; que levaria para o seu país, com alegria, a notícia duma ruptura para sempre com esses traidores; e que entretanto era necessário pôr mãos à obra.

Falava uma linguagem perfeitamente correcta pondo uma certa garridice em findar todas as suas frases com esmero. Mas a sua maneira de falar era um pouco nervosa; a sua voz um pouco rouca.

Aplaudiram-na. Alguém avançou uma cadeira. Sentou-se no meio de todos. Tirou em seguida a sua gorra de arminho e reparámos, então, que tinha o cabelo cortado à rapaz.

No decorrer do debate dessa manhã ela interveio em várias ocasiões. As suas intervenções, muito breves e nitidamente precisas, mostravam um conhecimento singular da situação política internacional e da situação dos partidos operários. Mas sem cessar, como se fosse uma ideia fixa, retomava o mesmo tema: a luta contra os centristas e os conciliadores.

Esta posição não deixou de me surpreender. E eu não podia defender-me, por mesquinho que um tal sentimento me parecesse, de notar qualquer desacordo entre a elegância rebuscada que confessava esta rapariga até na sua maneira de falar, de dizer «eu» e o sectarismo provocante da sua atitude revolucionária. Para mim próprio, eu pensava, como ela, que era necessário na ala esquerda do movimento socialista destruir toda a confusão; mas o trabalho de propaganda nas universidades parecia apresentar tarefas mais urgentes. Voltando-me para ela, disse-lho um pouco secamente.

À tarde os delegados, como se lhes fosse custoso separarem-se e romper esta fraternidade, esta luta, iam

jantar juntos, nalgum restaurante. Agrupavam-se muito naturalmente ao acaso das conversações começadas ou segundo as línguas que falavam. A espanhola veio colocar-se junto a mim, e tomou-me à sua custa. Por que razão tinha eu votado então a adesão à Terceira Internacional? Não era eu um simples reformista? Que papel iria eu propor, depois, aos estudantes no momento em que o regime se desfazia, em que chegava a hora de ir ao encontro dos carros blindados, de tomar de assalto os ministérios, as centrais telefônicas?

Pedi-lhe tão docemente como me foi possível se ela se sentia à vontade neste optimismo, se ela acreditava verdadeiramente que nos poderíamos atirar contra o poder, sem partido, sem organização, sem armas, se ela julgava a burguesia extinta, a ponto que devesse como os notáveis de Calais, em camisa e de corda ao pescoço, entregar-nos as chaves do poder? Não tínhamos nós, em 1919, sofrido muitas derrotas das quais não estávamos ainda convalescentes?

— Você é — afirmava — um conciliador e um derrotista...

Via agitarem-se as suas longas mãos. Observava esta fisionomia de criança, em quem a paixão de pensar e de lutar refervia.

Pouco a pouco os nossos camaradas partiram dizendo-nos adeus com a mão. Puseram-se a levantar a mesa. Apenas um candeeiro ardia acima das nossas cabeças.

A espanhola criticava o seu país, que parecia dormir, mas como uma pantera exausta. Em nossa volta modificava-se o ambiente. Ela própria não reparou que levavam a sua chávena vazia, e tiravam as flores.

Foi num instante, creio eu, que ela se apercebeu da sua ausência e que nós ficaríamos sozinhos. Sorriu e levantou-se.

A noite estava límpida e gelada. Pilar parou no limiar, observou as fachadas que a lua azulada fazia rebrilhar e longamente respirou.

— Ah! Meu amigo — disse —, como é bom viver!

Mas neste momento eu já a não reconhecia. Tomou-me o braço. O ritmo da sua marcha tornou-se mais lento, mais ligeiro. Tratava-se ainda da revolução, da Espanha? Considerou a perspectiva dos lampadários e perguntou-me se cada uma daquelas luzes, certamente não lhe encantava os olhos? Deixou demorar a sua mão ao longo de uma balaustrada qualquer, dizendo: «Ah! Não acha que o frio já aperta mais?» Ela julgara ver nas ramarias nuas dum *square* formas animais, imagens inesperadas. Afirmava que se não podia decentemente dormir quando a noite estava tão formosa.

Errámos durante muito tempo no jardim, junto ao lago. A água negra onde se espalhavam reflexos detinha-nos os olhos. «À noite», dizia docemente à minha companheira, «a água mete-me medo até ao delírio.» Depois, aludindo ao farol rubro que ardia no

meio das sombras, lastimava que os tecidos com que nos vestimos não tivessem essa cintilação.

Acabámos por tomar chá numa casa do centro, cheia de luzes, onde quatro músicos tocavam danças inglesas e tangos. Era, creio, o Old India. Em nossa volta uma multidão bastante confusa agitava-se ruidosamente. A minha companheira parecia entregar-se a esta luz, a este torpor, a este ruído. O seu rosto, um momento fustigado pelo frio da noite, retomava a pouco e pouco o seu tom dourado, as suas sombras. A sua mão demorava-se sobre a mesa, brincava com uma colher de prata. Um ar grave estranho apareceu na linha dos lábios, no franzir das pálpebras.

— Pilar — digo-lhe —, você é derrotista...

Desde esse momento ela ria. Mas parou bruscamente. Ia eu conhecer, um pouco, o segredo dessa alma vivaz e dividida? A orquestra veio em nosso socorro. Então, já que os violinos traduziam uma canção, um tanto selvagem, um tanto enternecida, Pilar humilhou-se...

— Você sabe melhor do que eu — disse ela — como é difícil...

★

— Há nomes que pesam bastante.

Pilar dizia isto com uma complacência que me desconcertava. Pus no meu sorriso, no meu olhar, toda a ironia possível.